

ENTRE FREUD E NIETZSCHE: QUANDO INSTINTOS DE VIDA E DE MORTE SE CONFLUEM EM VONTADE DE POTÊNCIA

Between Freud and Nietzsche: When instincts of life and death converges to Power Will

Aglaé Carneiro¹

RESUMO

Todo ato da vida passa pelo mental, diria Nietzsche (GM); e, tratar do psíquico é, necessariamente, falar em sexualidade (por meio dos impulsos) – defende Freud. Partindo desses dois pressupostos, surge o problema: será a vontade de potência a raiz dos instintos de vida e de morte? As duas construções teóricas parecem se aproximar, e, no entanto, possuem finalidades distintas. Em uma linha freudiana, a mobilização instintual se daria em nome do prazer, enquanto que, para Nietzsche, o objetivo de todo impulso é sempre a obtenção de mais poder (expansão das forças que compõem a vontade de potência). Em sendo assim, através de uma metodologia bibliográfica e de uma análise de dados qualitativa, o presente trabalho pretende expor, a título de objetivos específicos, contornos iniciais, de um lado, sobre os instintos freudianos, e, de outro, considerações aproximadas sobre a vontade de potência. A título de objetivo geral, procura analisar como essas duas construções teóricas se fundem, buscando verificar as possibilidades de criação teórica de um possível “caminho do meio”: uma aproximação das duas finalidades em um só ato – obtenção de prazer e aumento de poder.

Palavras-chave: Instintos sexuais. Instintos de destruição. Vontade de poder. Freud. Nietzsche.

ABSTRACT

Every act of life is merged into mental aspects, Nietzsche would say; and, to discuss psychic aspects is to talk, necessarily, about sexuality (through sexual impulses) – Freud defends. Based on these two prerogatives, emerge the following problem: will it be, will to power, the root of life and death instincts? These two theoretical constructs seem to have similarities, and, at the same time, they appear to have different finalities. On a freudian line, instinctual mobilization would happen in the name of pleasure, while, to Nietzsche, the objective of every impulse is to obtain more power (to expand the forces which compound will to power). Therefore, through a bibliographical methodology and by a qualitative data analysis, this essay intends to exhibit, as a matter of specific goals, initial contours about freudian instincts and Nietzsche’s will to power. Regarding to its main goal, it is to analyse how these two theoretical constructs merge into one single act – the simultaneous obtaining of power and pleasure.

Keywords: Sexual instincts. Destruction instincts. Will to power. Freud. Nietzsche.

¹ Doutoranda em Filosofia pela UFBA. E-mail: aglaecarneiro@gmail.com
CADERNOS PET, V. 13 , N. 26



Introdução

Todo ato da vida passa pelo mental, diria Nietzsche (GM) (2008B); e, tratar do psíquico é, necessariamente, falar em sexualidade (por meio dos impulsos) – defende Freud (1996, 2014, 2017, 2019). Partindo desses dois pressupostos, surge o problema: será a vontade de potência (NIETZSCHE, 1996, 2001, 2008A, 2008B) a raiz dos instintos de vida e de morte (FREUD, 1996, 2014, 2017, 2019)? As duas construções teóricas parecem se aproximar, e, no entanto, possuem finalidades distintas. Em uma linha freudiana, a mobilização instintual se daria em nome do prazer, enquanto que, para Nietzsche, o objetivo de todo impulso é sempre a obtenção de mais poder (expansão das forças que compõem a vontade de potência).

Através de uma metodologia bibliográfica de análise de dados qualitativa, o presente trabalho pretende expor, a título de objetivos específicos, contornos iniciais sobre os instintos freudianos e sobre a vontade de potência. A título de objetivo geral, procura analisar como essas duas construções teóricas se fundem, buscando criar um possível “caminho do meio”: uma aproximação das duas finalidades em um só ato – obtenção de prazer e aumento de poder.

O presente trabalho foi fruto das discussões e construções formuladas no decorrer do curso ministrado pelo Prof. André Itaparica na disciplina Tópicos Especiais em Filosofia Moral, na Universidade Federal da Bahia, e faz uso, como visto, de dois referenciais teóricos aproximáveis: Freud e Nietzsche. Em que pese ter-se planejado inicialmente abarcar apenas as discussões relativas à vontade de potência no ponto de interseção com a teoria dos instintos freudianos, mencionou-se, na segunda seção, de maneira introdutória, a questão da relação entre prazer e instintos – a serem extravasados, segundo Nietzsche, em determinada etapa da formação da consciência moral, através do castigo.

Instintos de Vida e Instintos de Destruição: uma díade freudiana

Durante os trabalhos iniciais dos escritos psicanalíticos de Freud (2014, 2019), sobretudo a partir de *Conferências Introdutórias* e de *O Eu e o Id*, são apresentadas as noções gerais sobre instintos sexuais (*Eros*) e instintos do Eu (*Thanatos*). De acordo com esse momento dos estudos freudianos, haver-se ia que levar em consideração, no campo do funcionamento mental humano, dois polos opostos de satisfação instintual: o Eu e o Id.

A *psique* humana, formada por três parcelas mentais (Eu, Supereu e Id) (FREUD, 2019), estaria em permanente conflito, seja entre as frações internas do mental (*ibidem*), sejam entre elas e o Supereu da cultura (FREUD, 2017). As parcelas do psíquico individual indicariam quais impulsos, de maneira dinâmica e permanente, estariam a vencer ou não o jogo agonístico de forças existentes entre instintos sexuais (Id) e instintos do Eu (Ego), relação combativa esta que se aproxima, como veremos adiante, do quanto exposto por Nietzsche relativamente às forças metafísicas integrantes da vontade de potência (NIETZSCHE, 1996, 2001, 2008A, 2008B).

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1996) renomeia essa dualidade a que designava “instintos sexuais e instintos do Ego” a partir do que passa a chamar instintos de vida e instintos de morte. O autor (FREUD, 2019, p. 50-51) comenta que, determinadas circunstâncias associam-se a esses impulsos (de vida e de morte, ou sexuais e do Eu, respectivamente), sendo elas agregadoras (autoconservadoras) e desagregadoras (desejosas de mudança), como se pode observar da passagem a seguir:

Com base em reflexões teóricas amparadas pela biologia, supusemos que há um instinto de morte, cuja tarefa é reconduzir os organismos viventes ao estado inanimado, enquanto Eros busca o objetivo de, agregando cada vez mais amplamente a substância viva dispersa em partículas, tornar mais complexa a vida, nisso conservando-a, naturalmente. (...) A cada uma dessas duas espécies de instintos estaria associado um processo fisiológico especial (assimilação e desassimilação [anabolismo e catabolismo]), em cada fragmento de substância viva estariam ativas as duas, mas em mistura desigual (...).

Sobre esta passagem, a discussão será retomada mais adiante. Mas, antes disso, é importante mencionar sobre a finalidade hedonista adotada por Freud em seus construtos teóricos.

Na psicanálise freudiana, acredita-se que o rumo dos eventos mentais se dá de tal forma que seu movimento é ocasionado por um conflito, cujo resultado final culmina em uma “redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer” (FREUD, 1996, p. 03). Está-se falando aqui daquela tensão entre Eu e Id, na qual cada um busca satisfazer seus próprios interesses, sempre de modo que o resultado final é uma descarga de satisfação (prazer ou gozo²) a que se denomina realização do Princípio

² O gozo no presente trabalho dir-se-á respeito sempre à expressão das satisfações instintuais (sexual e/ou
CADERNOS PET, V. 13 , N. 26 ISSN: 2176-5880



do prazer (*ibidem*). Crê-se, portanto, que os processos mentais são dominados por esse princípio, que almeja nada mais do que a sua satisfação – seja através de um instinto sexual (de vida), seja por meio de um instinto do ego (de morte). O prazer estaria relacionado, aqui, a um aumento na quantidade de excitação, enquanto que o desprazer se relacionaria com uma diminuição nesse *quantum* excitativo (FREUD, 1996, p. 04).

Sobre esse ponto, é salientada a finalidade hedonista dos estudos freudianos, sem, no entanto, deixar de se evidenciar a possível aproximação com os estudos nietzschianos relativos ao caráter combativo dos impulsos: se, para Freud (1996, 2014, 2017, 2019), essas qualidades dos instintos de se agregarem ou desagregarem são mobilizadas para garantir a satisfação dos seus objetivos primordiais (qual seja, a obtenção de prazer); em Nietzsche (1996, 2001, 2008A, 2008B), apresenta-se o *animus* combatente ou de luta entre forças constitutivas da vontade de potência – a serem expostos na seção seguinte –, como instrumento para a garantia da expansão do poder.

Identifica-se, assim, para Freud (2014, p. 473-474), a obtenção de prazer como a principal intenção no trabalho do aparato psíquico:

Ao que parece, toda a nossa atividade psíquica está voltada para obter o prazer e evitar o desprazer, é automaticamente regulada pelo princípio do prazer. (...) No caso dos instintos sexuais, é bastante evidente que, tanto no início como no fim de seu desenvolvimento, eles trabalham para a obtenção de prazer; essa função original eles conservam inalterada. Inicialmente, também os outros instintos, os do Eu, procuram a mesma coisa. Mas, sob a influência da mestra Necessidade, eles logo aprendem a substituir o princípio do prazer por uma modificação. Para os instintos do Eu, a tarefa de evitar o desprazer é quase tão valiosa como a de obtenção de prazer; o Eu descobre que terá inevitavelmente de renunciar à satisfação imediata, de postergar a obtenção de prazer, de suportar alguma medida de desprazer e abrir mão por completo de certas fontes de prazer. Educado dessa maneira, o Eu se torna “ajuizado” e não mais se deixa dominar pelo princípio do prazer; em vez disso, obedece o princípio da realidade, o qual, no fundo, também busca obter prazer, mas um prazer assegurado pela consideração da realidade, ainda que se trate de um prazer adiado e diminuído. A passagem do princípio do prazer ao princípio da realidade é um dos progressos mais importantes no desenvolvimento do Eu.

egóica; de vida e/ou de morte), ou melhor, à satisfação do Princípio do prazer. Freud (2017, p. 32), inclusive, se utiliza do termo gozo em *O Mal-Estar na Civilização*, para tratar do Princípio da realidade em restrição ao Princípio do prazer: “A satisfação irrestrita de todas as necessidades se apresenta como a maneira mais tentadora de conduzir a vida, mas significa pôr o gozo à frente da cautela, trazendo logo o seu próprio castigo”.

Igualmente, levanta-se a seguinte hipótese, por parte dos estudos freudianos (FREUD, 1996, p. 22-23):

Parece, então que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas (...), é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica.

Nessa esteira, é importante tratar desse caráter de autopreservação, por parte dos instintos psíquicos, retomando o excerto anteriormente exposto, e que se referia a esta mesma situação – sobre a associação de circunstâncias agregadoras e desagregadoras dos instintos de vida e de destruição (FREUD, 2019, p. 50-51). Vejamos:

É dito que “o esforço mais fundamental de toda substância viva (...) [é] o retorno à quiescência do mundo inorgânico” (FREUD, 1996, p. 39). Assim, a necessidade de autoconservação por via da reprodução, ou melhor, essa “elasticidade orgânica” a que Freud se refere, surgiria, ao harmonizar com a teoria nietzschiana da vontade de potência, como uma tentativa de manter uma finalidade maior (a expansão de seu poder), que não necessariamente se identificaria com a obtenção do prazer, ainda que se mostrasse possível supor que seria a expansão de poder uma via para o alcance dessa descarga prazerosa – o que se aproximaria, por sua vez, das teses butlerianas sobre a injunção entre gozo e poder, ou prazer e dominação (BUTLER, 2017).

Retomando o princípio do prazer em relação aos instintos de conservação (tanto em *Eros* como em *Thanatos*, conforme veremos adiante), assevera Freud (1996, p. 39):

O princípio do prazer (...) é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele.

Nessa mesma linha (FREUD, 1996, p. 35):

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (...), tendência que encontra expressão no princípio de prazer.

Com esses trechos, foi possível evidenciar o aspecto do prazer apontado em Freud, bem como os seus apontamentos sobre a qualidade de conservação dos instintos a um



“estado anterior de coisas”, ou melhor, à sua sobrevivência (que se relaciona, como já mencionado anteriormente, com os objetivos expansivos das forças constantes da vontade de poder em Nietzsche (1996, 2001, 2008A, 2008B)). A importância da exposição sobre essa finalidade do aumento de prazer diz respeito à realização do objetivo geral do presente trabalho: buscar um caminho do meio entre este ponto e aquele no qual Nietzsche (1996, 2001, 2008A, 2008B) menciona a vontade de potência. Sobre o segundo, teremos a seção de número dois para discutir; quanto ao primeiro, cabe neste momento abordá-lo.

Em continuidade à discussão, e tomando como base os excertos freudianos trazidos, pode-se dizer que o Princípio do prazer se relaciona com a manutenção do estado anterior de coisas, vez que a função de autoconservação dos instintos é garantida através do gozo – ou liberação de uma energia sexual expansiva, a qual, ao chegar ao seu ápice, também se finda. Ocorre que, para além dessa tendência autoconservativa dos instintos psíquicos (de *Eros*, mais especificamente), sabe-se que há um polo oposto comandado pelo Eu: os instintos de destruição (*Thanatos*), que, de maneira antagônica, buscam justamente uma desassimilação ou catabolismo, como visto *ab anteriori* (FREUD, 2019). Tratar-se-ia, desta forma, de uma hipótese de gozo através da integração da mudança (*Thanatos* agindo através de sua qualidade destrutiva, em função do prazer) (FREUD, 2014, 2019, 1996), ou ainda, de *Eros* agindo em sua parcela minimamente destrutiva. O que mais importa ser observado, nesse momento da exposição, é que, a característica de autoconservação pode até se mostrar mais evidente em *Eros* (nos ditos instintos sexuais ou de vida), mas também existe nos instintos de morte (ou do Eu). A separação entre instintos autoconservativos (*Eros*, sexuais ou de vida) e desagregadores (*Thanatos*, do Eu ou de morte), portanto, fora evidenciada meramente para propósitos didáticos.

Sobre os instintos de autoconservação, Freud (2019, p. 56-57) afirma:

...a principal intenção de *Eros*, [é] a de unir e ligar, na medida em que contribui para a unidade – ou o esforço para a unidade – que caracteriza o Eu.

Na mesma linha (FREUD, 1996, p. 24-25):

Tratam-se de instintos componentes cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte. (...) Assim, originalmente, esses guardiões da vida eram também os lacaios da morte. Daí surgir a situação paradoxal de que o organismo vivo luta com toda a sua energia contra fatos (perigos, na verdade) que poderiam



auxiliá-lo a atingir mais rapidamente seu objetivo de vida (...). Tal comportamento, entretanto, é precisamente o que caracteriza os esforços puramente instintuais, contrastados com os esforços inteligentes.

A vida externa surge, nessa esteira, como uma ameaça à autoconservação almejada pelos instintos sexuais. Isso porque, naturalmente, integra elementos contrários às tendências anabólicas de *Eros*, ou seja, as vivências e os fatos da vida aparecem como “forças tendentes à mudança” (FREUD, 1996, p. 24). E, igualmente, é possível perceber, no seio das próprias exposições freudianas, que existe menção à unidade do Eu, tal qual Nietzsche qualifica a vontade de potência (ainda que, no caso de Freud, composto de uma multiplicidade de instintos divididos em uma dualidade positiva e negativa, agregadora e desagregadora). A unidade do Eu em Freud e a unidade da vontade de potência em Nietzsche enquanto pontos basilares para a vida são um possível ponto de aproximação entre as duas teorias. Se os instintos, mesmo classificados entre instintos de vida e de morte, são múltiplos e se inserem em uma unidade que é o Eu (FREUD, 2019, p. 56-57), tanto quanto são as forças constitutivas da vontade de potência (NIETZSCHE, 1996, 2001, 2008A, 2008B), então as teorias nietzschiana e freudiana são mais aproximáveis do que imaginávamos.

Da situação levantada relativamente ao surgimento da dita “vida externa” (a natureza, o cosmos e todas as coisas vivas para além do humano), pode-se afirmar que, uma vez experimentado um fato externo, o organismo do indivíduo armazena a mudança imposta pelo curso da vida e adapta-se justamente para garantir o estado anterior de coisas. Em outros termos, muda para garantir a sua autoconservação, e, assim, satisfazer o Princípio do prazer (ou ao desejo de expansão do seu poder, numa linha nietzschiana). Melhor dizendo, independentemente de qual das duas finalidades (expansão do poder e obtenção do prazer) está em posição de predominância, durante o jogo agonístico de forças instintuais, o que importa saber é que, em se falando de agregação e desagregação, está-se a referir, em verdade, à integração entre mudança e autoconservação (não há que se falar em uma sem evidenciar a outra, e a própria noção de “inércia” ou “elasticidade orgânica” em Freud já indica a relação da reprodução ou da separação do organismo com os fins de agregação, bem como a hipótese de imbricação do prazer com a expansão do poder nesse jogo de forças).

Em tendo-se expostos alguns pontos sobre (1) instintos, (2) conservação e (3)



prazer em Freud, e já tendo-se integrado à discussão alguns pontos iniciais sobre a exposição da teoria da vontade de potência em Nietzsche, sigamos para a parte dois deste trabalho.

Vontade de Potência: uma unidade múltipla nietzschiana

Inobstante a dualidade apresentada por Freud (1996, 2014, 2017, 2019), se analisarmos a questão por um viés nietzschiano, instintos de vida e de morte se tornam duas faces de uma mesma moeda: a vontade de poder (ou vontade de potência).

Em *Vontade de Poder* (VP, 619), Nietzsche (2008A, p. 319) pontua (grifos acrescidos):

O conceito vitorioso, “força”, com o qual nossos físicos criaram Deus e o mundo, necessita ainda ser completado: há de ser-lhe atribuído um mundo interno que designo como “vontade de poder”, isto é, como insaciável ansiar por mostrar poder; ou emprego, exercício de poder, pulsão criadora etc.

Através dessa passagem, é possível vislumbrar o que o autor entende como vontade de potência: esse conjunto de forças internas do indivíduo cujo desejo maior é se expandir, criar, ter e exercer mais poder. Essas ditas “forças internas” são consideradas, aqui, em paralelo com os já mencionados instintos psíquicos de vida e de morte, conforme apresentado por Freud (1996, 2014, 2017, 2019). Conforme anteriormente aludido, o objetivo do presente trabalho é encontrar um possível “caminho do meio” entre as diferentes teorias, o que se tornará gradualmente evidente ao longo da exposição, mostrando-se possível, desde já, salientar a aproximação ou a própria consideração dos instintos freudianos como as próprias forças nietzschianas da vontade de potência.

Inicialmente, em respondendo aos objetivos específicos do presente trabalho, serão expostos aqui contornos iniciais do que se entende por vontade de potência. Em seguida, dar-se-á continuidade à discussão com o fito de tentar alcançar o objetivo geral de pesquisa: encontrar um “caminho do meio” entre a finalidade expansiva da vontade de potência e o objetivo hedonista dos instintos freudianos. Dito isso, sigamos.

No aforismo colacionado *ab anteriori* (VP, 619), é possível perceber que, o conceito de vontade de potência, além de se aplicar sobre lógicas micro e macrocósmicas (as mesmas forças atuando dentro do sujeito e nos demais organismos, incluindo aí a



natureza e o cosmos), pode se aproximar de algumas construções teóricas freudianas relativas à relação entre o sujeito e a comunidade (como é o caso do Supereu cultural, apresentado por Freud em *Mal Estar da Civilização*). Enquanto Freud (2017) aponta que existe uma instância psíquica coletiva de censura (o Supereu cultural) atuando sobre a parcela do mental individual, Nietzsche (VP) (2008A, p. 319-320), por sua vez, defende:

...há de conceberem-se todos os movimentos, todas as “manifestações”, todas as “leis” somente como sintomas de um acontecimento interno [...]. No animal, é possível derivar da vontade de poder todas as suas pulsões; da mesma maneira, todas as funções da vida orgânica podem ser derivadas dessa única fonte.

Em outros termos, Freud adota um modelo dual (instintos de vida e instintos de morte, o que não se confunde aqui com a unidade do Eu assinalada na primeira seção), ou ainda, separa sujeito e comunidade (parece que a fonte metafísica do humano não é a mesma da natureza, em Freud, sobretudo quando se menciona em *Mal Estar da Civilização* que Supereu individual não se confunde com Supereu cultural, sendo este último parcela psíquica integral do coletivo, como se a instância psíquica de censura da cultura estivesse desacoplada do mental individual). Nietzsche, de maneira oposta, aponta que todas as forças que atuam no mundo partem de uma mesma unidade (a vontade de potência), que, conforme interpretamos no presente trabalho, partiria do mental individual (vez que a experiência e a compreensão que temos do mundo parte das nossas possibilidades mentais perceptivas, bem como da nossa relação com o social, através da verbalização (GC, 354)³).

Sobre a vontade de potência, resume Nietzsche (1996, p. 42), em *Além do Bem e do Mal* (BM, 36):

...Supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda a nossa vida instintiva como a elaboração e a ramificação de uma forma básica da vontade – a vontade de poder, como é minha tese –; supondo que se pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder, e nela se encontrasse também a solução para o problema da geração e da nutrição [...], então se obteria o direito de definir toda força atuante, inequivocamente, como vontade de poder. O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu “caráter inteligível” – seria justamente “vontade de poder”, e nada mais.

³ “...parece-me que a sutileza e a força da consciência estão sempre relacionadas à capacidade de comunicação de uma pessoa (ou animal) ...” (NIETZSCHE, 2001, p. 248).



É o que reafirma em *Vontade de Poder* (VP, 1067), sem, no entanto, precisar tornar a ressaltar o aspecto do mental, do mundo visto de dentro (NIETZSCHE, 2008A, p.513): “Este mundo é a vontade de poder – e nada além disso! E também vós mesmos sois essa vontade de poder – e nada além disso!”. Veja que nessa segunda passagem, ainda que se note de maneira indireta a integração de uma mesma ideia, Nietzsche opta por não mencionar aquilo que pode ser definido como uma espécie de pampsiquismo: uma crença de que todas as coisas vivas seriam percebidas a partir do mental – a vontade de poder e todas as coisas vivas que dela se compõem estariam a emanar de uma percepção mental individual (ou do referente, daquele que “pensa”, “julga”, “classifica”, mesmo que de forma “pré-moral” ou partindo de uma “pré-consciência” (GC, 354)⁴).

Um outro ponto importante de aproximação entre Freud e Nietzsche diz respeito ao prazer (MARTON, 2000, p. 58):

Tratando dos processos que acredita verificar nos seres vivos, Nietzsche pretende repensar o prazer e o desprazer. “O prazer”, diz ele, “nada mais é do que uma excitação do sentimento de potência por meio de um entrave (excitação ainda mais forte por meio de entraves e resistências rítmicas), de forma a aumenta-lo.

A ideia relativa ao prazer será ainda retomada em *Genealogia da Moral* (NIETZSCHE, 2008B), quando se mencionar a relação entre prazer e castigo na formação da consciência moral (em seus estágios iniciais, de má-consciência animal). Sobre isso, seria necessária uma nova oportunidade de exposição. Mas, para dar continuidade ao objetivo do trabalho, daremos seguimento às questões sobre a vontade de potência em Nietzsche.

Scarlett Marton (2000, p. 50), em *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, retoma a unidade desse conjunto de forças a que Nietzsche chama vontade de poder:

Nietzsche já vislumbra um único e mesmo procedimento tanto na vida social e psicológica quanto na fisiológica. O conceito de vontade de potência, servindo como elemento explicativo dos fenômenos biológicos, será também tomado como parâmetro para a análise dos

⁴ “Pois nós poderíamos pensar, sentir, querer, recordar; poderíamos igualmente “agir” em todo sentido da palavra: e, não obstante, nada disso precisaria nos “entrar na consciência” (como se diz figuradamente)” (NIETZSCHE, 2001, p. 248).



fenômenos psicológicos e sociais; é ele que vai constituir o elo entre as reflexões pertinentes às ciências da natureza e as que concernem às ciências do espírito.

Neste ponto, a autora está a explicitar a vontade de potência como um procedimento, a ser salientado menos a partir de uma lógica conceitual, e mais como um jogo de forças dinâmico e atuante tanto nas esferas biológicas (da natureza e do humano), quanto nas psicológicas (do mental individual) e sociais.

Ainda sobre essa qualidade procedimental das forças confluentes na vontade de potência, cumpre salientar o seu caráter de jogo agonístico, vez que precisa do conflito para permanecer atuante em sua finalidade expansiva (2 [76] do outono de 1885/outono de 1886)⁵, mesmo que não direcionado para uma finalização de si mesmo, e sim, de certa forma, para a sua autoconservação (vez que a expansão do que já existe, como finalidade da vontade de potência, é uma forma de mantê-la em vida, ou, em outras palavras, de conservá-la por meio da mudança) (37 [4] de junho/julho de 1885)⁶.

Sobre o ponto da autoconservação já revelado na primeira seção, e de necessário retomada no momento presente, cumpre executar um paralelo com as construções freudianas relativas aos instintos de vida: para Freud (1996, 2019), enquanto os instintos sexuais teriam como objetivo se autoconservar, por outro lado, os instintos de destruição teriam como finalidade, de maneira oposta, se desagregar. Optamos aqui por seguir um caminho através do qual, mesmo nas hipóteses em que as forças da vontade de potência estivessem emanando uma qualidade desagregadora, ou seja, se vestidas na roupagem dos instintos de destruição, o fariam, em verdade, para atingir um objetivo maior, qual seja, a sua expansão por vias da autoconservação (tal como, na mitose, determinadas células se desagregam para expandir a si mesmas). Sob essa hipótese, autoconservação e destruição seriam duas faces do objetivo expansivo comum da vontade de poder (e, portanto, dos instintos de vida e de morte).

Nesse momento, mostra-se oportuno ressaltar mais um ponto de interseção entre as

⁵ “[...] “a multiplicidade dos dominantes (luta das células e dos tecidos)” [...] Atuando em cada célula, a vontade de potência leva a deflagrar-se o combate entre todas elas” (MARTON, 2000, p. 50).

⁶ “[o corpo] é animado por combate permanente. Até o número dos seres vivos microscópicos que o constituem muda sem cessar, dado o desaparecimento e a produção de novas células. No limite, a todo instante qualquer elemento pode vir a predominar ou a perecer. [...] Vencedores e vencidos surgem necessariamente a cada momento, de sorte que “nossa vida, como toda vida, é ao mesmo tempo uma morte perpétua” [...]. Desse ponto de vista, a luta garante a permanência da mudança” (MARTON, 2000, p. 51-52) (grifos acrescidos).



duas teorias, atinente, aqui, à possibilidade de junção dos dois objetivos apontados pelos autores (em Freud, a obtenção do prazer; e, em Nietzsche, a expansão do poder). Sob a confluência dessas duas finalidades, é possível, a título de complemento, realizar uma aproximação entre o instituto do prazer em Freud e a internalização da agressividade proferida por Nietzsche (2008B) em *Genealogia da Moral*: se, nas primeiras fases de desenvolvimento da consciência moral (ou do sentimento de culpa), houve uma internalização dos impulsos agressivos (ou dos instintos de destruição, em uma linguagem freudiana, considerados aqui como uma das múltiplas faces metafísicas da vontade de potência), então esses instintos precisam ser exteriorizados em algum momento – o que ocorre, segundo Nietzsche (GM) (2008B), através do castigo. É esse castigo, como elemento de extravasamento ou liberação dos instintos de destruição (FREUD, 1996, 2014, 2017, 2019), que permitiriam, ao invés de um valor preventivo ou vingativo sobre os seus ofensores, a satisfação (no sentido freudiano da palavra) de quem lhes aplica – trata-se, dessa forma, não de penalizar a prática de um ato que, após fase de moralização, poderia ser considerado como reprovável ou merecedor de castigo, mas, ao invés disso, de servir de instrumento canalizador dos impulsos de quem lhes aplica, realizando o Princípio do prazer.

Nesse desiderato, é possível reunir a teoria freudiana dos impulsos à teoria nietzschiana da vontade de poder tanto através da formação da consciência moral (no ponto em que castigo se apresenta enquanto papel fundamental para a formação da má-consciência animal (GM, [2], 4 a 7)) (NIETZSCHE, 2008B), quanto na consideração dos instintos de vida e de morte (FREUD, 1996, 2014, 2017, 2019) como dois aspectos (positivo e negativo) de um mesmo conjunto de forças unitário que é a vontade de potência (NIETZSCHE, 1996, 2001, 2008A, 2008B) – e que, tanto quanto os instintos em Freud, não necessitam, como pré-requisito de suas existências, a consciência de seus portadores sobre as suas qualidades ou sobre as suas presenças no campo do psíquico.

Como visto, as teorias se aproximam também no ponto da finalidade do prazer: em Freud, através de todo e qualquer instinto; e, em Nietzsche, por meio do castigo. Como mencionado, a nossa opção é a de manter a finalidade expansiva tanto para instintos de vida como para instintos de morte, vez que os compreendemos como faces da mesma moeda que é a vontade de poder. Em sendo assim, restringindo a finalidade hedonista apontada por Freud aos estágios iniciais da formação da consciência moral (prazer

extravasado através do castigo), resta considerar os pontos da agregação (autoconservação) e da desagregação (destruição) dos instintos de vida e de morte (ou das forças da vontade de potência) como meras casualidades ou circunstâncias através das quais se alcançaria uma finalidade maior: a expansão do poder.

Ademais, em tendo sido expostos os dois pontos de interseção de maior monta no que atine às construções teóricas freudianas e nietzschianas em aproximação finalista (expansão, por meio da vontade de potência; e prazer, por meio dos instintos de vida e de morte), e tendo-se mencionado brevemente algumas proximidades no que diz respeito ao construto nietzschiano relativo à consciência moral (que se identificaria com o Supereu freudiano) e à agressividade (podendo ser entendida como instinto de destruição, segundo a teoria de Freud, o qual teria sido internalizado nas fases iniciais da formação da consciência moral, segundo Nietzsche), cumpre afirmar: o que pôde ser evidenciado durante todo o trabalho foi o modo como, independentemente de estar-se tratando da dualidade teórica freudiana sobre os instintos ou da unidade múltipla teórica nietzschiana sobre a vontade de potência (sejam consideradas como unidade múltipla ou dualidade), em ambos os casos, há, na discussão, a presença do psíquico: seja através dos instintos (tanto em Nietzsche como em Freud), seja através do prazer (*idem*), ou ainda, em função do mal estar presente nos trabalhos dos dois autores (a ser abordado em nova oportunidade).

Considerações Finais

O presente trabalho foi dividido em dois momentos: se, na primeira seção, optou-se por conferir relevância aos construtos teóricos freudianos sobre os instintos, o prazer e a autoconservação; na segunda seção, apresentou-se contornos iniciais sobre a noção de vontade de potência, tendo-se mencionado, ao fim, a posição do castigo na formação da má-consciência animal (a figura do prazer se insere aí como ponto de interseção entre as duas teorias).

Retomando, então, os pontos assinalados, cumpre dizer que, na tentativa de unir os dois construtos teóricos, instintos de vida e de morte e forças da vontade de potência se confundem, tratando-se do gozo como finalidade paralela ao da expansão do poder – não parece haver uma relação de causalidade entre expansão do poder e obtenção de prazer, é



mais provável, portanto, admitir que ambas as finalidades surgem lado a lado, durante a manifestação dessa luta agonística entre instintos ou forças múltiplas da vontade de potência.

Em ambos os casos, o que existe é a consideração do psíquico na origem da consideração de todas as coisas vivas – o dito pampsiquismo nietzschiano. Isso nos faz perceber que, além de ser possível unir as duas teorias, com fundamento nessa semelhança geral percebida, bem como a partir dos diversos pontos de interseção assinalados ao longo do trabalho (dentre tantos outros não exauridos neste instrumento), é possível também considerar uma aproximação dos dois autores na formulação de uma razão psíquica primordial, ainda que não presente de maneira consciente em todo o tempo (no caso de Nietzsche e Freud) ou em toda a história da formação da consciência moral (no caso de Nietzsche) – ambos consideram a parcela metafísica do mental como constituída a partir de frações conscientes e inconscientes, a serem “trazidas à tona” de maneiras distintas (quando necessário, na linha do conhecimento virtual, para Nietzsche; e com o tratamento psicanalítico, para Freud). Mesmo assim, é a razão e o intelecto humanos (ainda que teorizados por meio de uma topológica psíquica formada por Eu, Id e Supereu, no caso freudiano) que permitirá a origem de toda a consciência epistêmica, viabilizadora, no contato com outros indivíduos, da percepção de si, do mundo, e de tantas outras ações cognitivas e afetivas da vida em sociedade (julgamento, empatia, afeição, responsabilização, e a construção de instituições e da normatividade).

Acreditamos que é nesse caminho que se mostra a maior relevância para a possibilidade de união das duas teorias apresentadas, as quais se assemelham em momentos, e, por outros, se afastam, mas, mantêm essa identidade psíquica. A identidade psíquica, desta maneira, pode ser considerada um elemento primordial na criação de uma nova teoria que envolvesse o dito “caminho do meio” entre os dois autores, de modo a permitir, partindo dela, uma nova compreensão sobre a formulação dos atos em comunidade (cognitivos, afetivos, institucionais e jurídicos).

Referências

- BUTLER, Judith. *A Vida Psíquica do Poder: Teorias da Sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.



- FREUD, Sigmund. Teoria Geral das Neuroses. *Em: Freud (1916-1917) - Conferências introdutórias à psicanálise*. Tradução Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, Sigmund. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. Obras Completas, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos*. Obras Completas, vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NIETZSCHE, Friederich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008A.
- NIETZSCHE, Friederich. *Genealogia da Moral: Uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008B.